**ENCONTROS E DESENCONTROS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA PESQUISA COM CRIANÇAS NO ESPAÇO INSTITUCIONAL**

Ana Carolina Campos de Menezes

TEI- UERJ/SME-RJ

Resumo

Fruto da pesquisa de mestrado da autora que, intitulada “Crianças e infâncias em ação no Espaço de Desenvolvimento Infantil no Município do Rio de Janeiro”, concluída no ano de 2023, que através de uma pesquisa de observação participante com inspiração etnográfica e técnicas de fotografia, buscou compreender as formas estéticas, éticas e políticas que crianças de 0 até 3 anos acionam nas relações e interações com seus pares e adultos em um Espaço de Desenvolvimento Infantil. Este trabalho apresenta os encontros e desencontros entre a pesquisadora e as crianças, vividos na realização da pesquisa no espaço institucional, onde busca-se discutir como as crianças do EDI perceberam os dois papeis ocupados pela profissional, professora e pesquisadora e os desafios e as possibilidades da pesquisa com crianças nesse espaço institucional. Considerando o EDI como um espaço de efetivação de direitos e um espaço de controle, que apesar da estrutura que cerceia, as crianças agem.

Palavras Chaves: Crianças. Pesquisa. EDI. Política.

Resumo Expandido

Este trabalho apresenta parte da pesquisa de mestrado (concluído em 2023) da autora, que tem como título “Crianças e infâncias em ação no Espaço de Desenvolvimento Infantil da cidade do Rio de Janeiro”. A pesquisa foi desenvolvida durante o ano de 2022, no acompanhamento semanal de uma turma de crianças entre 2 e 3 anos em um Espaço de Desenvolvimento Infantil da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

A metodologia utilizada na pesquisa possui um caráter exploratório, e buscou através de observação, conversas com crianças, técnicas de fotografia e com inspiração etnográfica, compreender as formas estéticas, éticas e políticas que crianças de 0 até 3 anos acionam nas relações e interações com seus pares e com os adultos em um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Levando em consideração que a pesquisadora realizou as incursões de observação no EDI que também atuava como professora, este trabalho busca, através da retomada de registros fotográficos e narrativas do caderno de campo, pensar sobre os encontros da pesquisa com crianças realizada no espaço institucional. Diante desse cenário, busca-se discutir como as crianças do EDI perceberam/interpretaram os dois papeis ocupados pela profissional, professora e pesquisadora e os desafios e as possibilidades que a pesquisa nesse espaço institucional possibilitou na realização da pesquisa, através da observação das ações e dos gestos das crianças.

O EDI, lócus da pesquisa, é um espaço educativo, que atende crianças de 6 meses até 5 anos de idade e está localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Em termos estruturais e organizacionais, o EDI possui 12 salas de atividades divididas entre dois pavimentos. O primeiro pavimento conta com: 1 secretaria com 1 sala de apoio, 1 banheiro para funcionários, 1 sala de professores e 1 sala para direção. Há também uma sala Multiuso utilizada pelos professores das aulas de educação física e Literaturas na infância. No segundo andar estão as salas de atividades das crianças interligadas por um grande corredor.

ENCONTROS E DESENCONTROS

Além das questões burocráticas e organizacionais que envolvem a realização da pesquisa em um espaço institucional, ainda existem as questões relacionais que nem sempre estão postas. Adultos e crianças que habitam o espaço institucional nem sempre podem se mostrar favoráveis diante da presença de uma pesquisadora, o que pode gerar certa desconfiança e pouca abertura e até comprometer a execução da pesquisa.

No caso da pesquisa de mestrado realizada, a autora optou por realizar a pesquisa no mesmo local onde já atuava como docente. A entrada em campo, se é que se pode chamar desta maneira, seguiu com tranquilidade, já que o campo era familiar. No entanto, questões burocráticas atravessaram, como a autorização para a realização da pesquisa, e as questões práticas, que inviabilizavam o exercício da pesquisa naquele espaço, durante o horário proposto.

Durante a realização deste trabalho de pesquisa, ocorreu a oportunidade de experimentar uma outra maneira de ser pesquisadora, que não atrelado ao exercício da docência. Essa maneira de habitar o espaço institucional, trouxe reflexões importantes, como o grande desafio na produção do distanciamento entre pesquisadora e seu objeto.

Cabe ressaltar que a mesma intimidade com o espaço, que trouxe impossibilidades, também trouxe possibilidades, como um maior acesso a informações sobre as realidades de vidas das crianças, e os desafios que enfrentam diariamente para frequentar aquele espaço institucional.

Atuar como professora em uma turma e como pesquisadora em outra, transitando entre as especificidades que cada campo destes contemplam, levaram a pensar sobre as implicações existentes na relação de familiaridade e a ambiguidade presente nos ofícios de pesquisar e lecionar (MACEDO, 2012).

Se como professora e pesquisadora, compreender e atuar na ambiguidade destes lugares tornou-se complexo, para as crianças não foi diferente e seria um equívoco pensar que as crianças aceitariam pacificamente e sem estranheza a presença da pesquisadora ou da professora de outra turma no seu cotidiano. Isso, pode ser entendido em alguns registros das incursões.

Estou no pátio externo acompanhando o grupo que observava para a pesquisa. Enquanto isso, minha turma estava no pátio interno, que fica bem ao lado brincando. Passado um tempo, Bernardo, que fazia parte da minha turma e estava no pátio interno, nota minha presença e corre até a grade que divide os pátios para me chamar. O menino se aproxima, olha na minha direção e fala “Ou!”. Chego perto da grade e começo a conversar com ele. Seu olhar, parecia indagar a minha presença ali com outro grupo e o menino ficou na grade me chamando e abanando as mãos. Corria, brincava com a turma e depois voltava para a grade para me chamar. Até que sua turma foi chamada para ir para a sala. Ao ouvir o comando, Bernardo mais uma vez corre para me chamar. Explico a ele que não irei naquele momento, mas que logo estaríamos juntos. Ele parece não aceitar tal situação. Permaneceu em chamando. Uma educadora do grupo vem até o menino, dá as mãos e o convida para subir. Ele se recusa e aponta para mim. Mais uma vez explico a situação e insisto para que ele suba. O menino, muito contrariado sobe chorando, gritando “Ou!”, olhando para mim e balançando as mãos me convocando a subir (Caderno de registros – 12 de abril de 2022).

Bernardo ficou inconformado com presença de sua professora em outra turma. Para o menino parecia estranho que ela escolhesse estar com outras crianças que não ele. Apesar das explicações da professora, e das explicações das outras educadoras ele não aceita e chora quando é conduzido para a sala. Esse fragmento revela o quanto é complexo esse movimento de pesquisar no espaço escolar em que também se atua como professora.

Essa não foi a única situação em que houve certa confusão entre os papeis ocupados

Estava com a turma que decidiu seguir para o pátio externo com as educadoras. Chegamos ao pátio e passado poucos minutos outra turma chega para juntar-se ao grupo. A turma que chega era a minha turma. As crianças da minha turma, ao me verem ali no pátio, olham confusas, mas aproximavam-se com sorrisos e vinham me cumprimentar. Eu fiquei igualmente confusa e não conseguia diferenciar a professora e a pesquisadora. (Caderno de registros - 26 de abril de 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este recorte da pesquisa de mestrado da autora apresenta os desafios de se pesquisar no local de trabalho, e como as crianças daquele espaço perceberam esse movimento de transitar entre a docência e a pesquisa. Ocorreu um encontro entre a pesquisadora, que também é professora da escola e das crianças, e “ao mesmo tempo em que me sentia “dona da casa”; isto é, familiarizada com o espaço, a rotina e as pessoas, a permissão para a realização da pesquisa significava a abertura de suas portas e janelas pelas quais eu deveria olhar, escutar, estranhar, traduzir e transmitir.” (MACEDO, 2012, p. 122)

O fazer da pesquisadora e o fazer da professora produzem olhares diferentes: o fazer da professora que pesquisa está ligado a um processo formativo próprio, pois a pesquisa possibilita uma tomada de consciência sobre as práticas realizadas, além de, com esse movimento, conseguir identificar e propor situações de aprendizagem mais adequadas para suas crianças. Porém, ambas modalidades de pesquisa devem estar amparadas nos teóricos, devem ter responsabilidade ética com as crianças, devem estar comprometidos com a divulgação cientifica, e ter a clareza de que as crianças são sujeitos da pesquisa que ali ocorre.

A pesquisa sobre e com as crianças, num espaço que é marcado pelas relações de poder, pelo controle e cerceamento de ações, é desafiadora, principalmente porque a institucionalização da infância foi decisiva na delimitação do que estava ou não ao alcance das crianças, no que diz respeito a ação (PEREIRA, 2015). Ao mesmo tempo em que as creches, pré-escolas e espaços de educação infantil representam um direito das crianças, e a efetivação de uma política, este espaços não as inaugura na sociedade, mas, ao contrário, as privou de outras maneiras de habitar e participar da sociedade (PEREIRA, 2015).

Apesar da estrutura que cerceia, as crianças agiram e demonstraram seus pensamentos e vontades em relação a presença da pesquisadora e a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACEDO, Nélia Mara Rezende. Alterar, alterar-se: Ser professora, ser pesquisadora. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende. (Orgs.) *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

PEREIRA, Rita Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. *Currículo sem Fronteiras*. São Paulo, vol. 15, nº. 1, p. 50-64, jan./abr., 2015.